

GIACOMO MAZZARIOL

**Meu
irmão
corre atrás
dos dinossauros**

Minha história e de Giovanni,
que tem um cromossomo a mais



Em suma, esta é a história de Giovanni:

Giovanni que vai tomar sorvete.

– Casquinha ou copinho?

– Casquinha!

– Mas você nem come a casquinha.

– E daí? Também não como o copinho!

Giovanni que tem treze anos e um sorriso mais largo que seus óculos. Que rouba o chapéu de um mendigo e foge; que ama os dinossauros e a cor vermelha; que vai ao cinema com uma amiga, volta para casa e anuncia: “Casei”. Giovanni que dança no meio da praça, sozinho, acompanhando o ritmo da música de um artista de rua, e um após o outro, os passantes se soltam e começam a imitá-lo: Giovanni é alguém que faz as praças dançarem. Giovanni, para quem o tempo é sempre vinte minutos, nunca mais do que vinte minutos: se alguém sair de férias por um mês, ficou fora vinte minutos. Giovanni que sabe ser extenuante, brincalhão, que todos os dias vai ao jardim e traz flores para as irmãs. E se for inverno e não achar flores, traz folhas secas para elas.

Giovanni é meu irmão. E esta é também minha história. Eu tenho dezenove anos e me chamo Giacomo.

ANUNCIAÇÃO

Primeiramente, quero lhes falar do estacionamento, porque foi lá que tudo começou. Um estacionamento vazio, como podem estar vazios certos estacionamentos aos domingos à tarde. Não lembro de onde estávamos voltando, talvez da casa da vovó, mas lembro a sensação, aquela sonolência satisfeita, o estômago cheio. Mamãe e papai sentados na frente. Eu, Alice e Chiara atrás. O sol brincava com a ponta das árvores e eu olhava para fora da janela, ou pelo menos tentava. Porque nosso carro, um Passat vinho com marcas de sapatos enlameados, sorvetes e sucos de fruta, que tinha transportado bolsas e carrinhos de bebê e milhões de sacolas de compras, estava tão sujo que não dava para ver muita coisa lá fora, pelo vidro. Digamos que o mundo, fora do Passat vinho, tinha que ser mais imaginado que outra coisa: era um sonho, daqueles que temos de manhã, pouco antes de acordar. E eu gostava demais.

Tinha cinco anos. Chiara sete. Alice dois.

Estávamos voltando da casa da vovó, como eu dizia, ou sabe-se lá de onde, e tudo levava a crer que aquele domingo acabaria como os outros – banho, sofá, desenhos animados –, quando, de repente, ao passar pelo estacionamento vazio de uma fábrica, papai deu uma guinada no carro, como se faz nos filmes para evitar uma explosão, e entrou ali. Pularmos numa lombada, levamos um solavanco. Mamãe se agarrou no puxador da porta e o olhou de esguelha. Esperei que

dissesse algo, como: “Que deu em você, Davide?”. Mas ela sorriu e resmungou:

– Bem que podíamos chegar em casa...

Papai fingiu que nem era com ele.

– O que foi? – perguntou Chiara.

– O que foi? – eu perguntei.

Mamãe bufou de um jeito esquisito e não respondeu.

Papai tampouco.

Começamos a andar pelo estacionamento como para achar uma vaga, embora lá houvesse, sei lá, umas duas mil e quinhentas à disposição. Em todo o pátio só se via um velho furgão, lá no fundo, debaixo das árvores e com dois gatos deitados no capô. Papai continuou dirigindo, até que se decidiu por uma área em particular; uma em que, decerto, tinha notado algo de especial, porque freou de repente, fez a manobra e parou ali com precisão. Desligou o motor. Baixou o vidro. Um silêncio carregado de mistério, com cheiro de musgo, penetrou no carro. Um dos gatos do furgão abriu um olho, bocejou e ficou alerta.

– Por que paramos? – perguntou Chiara. Depois olhou em volta com asco e acrescentou: – ... aqui?

– O carro quebrou? – perguntei.

– ...? – perguntou Alice com os olhos.

Nossos pais suspiraram e se olharam, com um olhar que não consegui decifrar; entre eles havia uma energia estranha, um rio de confetes luminosos.

Chiara inclinou-se para frente, os olhos redondos como cerejas:

– Então?

Um corvo pousou na calçada, papai o observou, soltou o cinto de segurança e contorceu-se para ficar de frente para nós, com o volante enfiado nos flancos. Mamãe, com uma careta, fez o mesmo. Segurei o fôlego. Observei-os sem entender. Comecei a ficar secretamente agitado: o que significava aquela esquisitice toda?

– Fale você, Katia – disse o papai.

Mamãe entreabriu a boca, mas não saiu uma só palavra. Papai anuiu para lhe dar coragem.

Então, ela suspirou e:

– Dois a dois.

Papai cravou seus olhos nos meus: “Viu?”, disse com o olhar.

– Conseguimos!

Encarei primeiro ele e depois ela. Pensei: “Mas do que diabos estão falando?”.

Depois mamãe tocou sua barriga, papai esticou-se e colocou sua mão sobre a dela e, no mesmo instante, Chiara cobriu a boca com as palmas e deu um grito:

– Não acredito!

– No quê? – disse eu, cada vez mais agitado por não compreender. – No que você não acredita?

– Estamos grávidos? – ela gritou, levantando os braços e batendo os punhos contra o teto do carro.

– Bem, tecnicamente – disse papai. – A única grávida é a mamãe.

Torci o nariz, pensei: “Estamos grávidos? Mas que raios...”. Então a luz começou a abrir caminho na minha cabeça, rolan-

do como um *skate* descendo uma ladeira e levantando poeira e folhas, ricocheteando contra as pedras, e:

– Dois a dois – disse mamãe. – *Dois a dois*.

Grávida. Filho. *Irmão*. Dois meninos. Duas meninas. *Dois a dois*.

– Dois a dois? – gritei. – Dois a dois?

Escancarei a porta, saí do carro e me ajoelhei no chão, cerrando os punhos como se tivesse acabado de marcar um gol de bicicleta. Levantei num pulo e dei um rodopio. Dei a volta no carro correndo feito um doido, fui até meu pai e tentei abraçá-lo, enfiando-me pela janela, mas eu era muito baixo e só consegui puxar uma orelha dele, tão forte que por um instante tive medo de tê-lo machucado. Voltei para dentro e fechei a porta. Não conseguia respirar de tanta felicidade.

– Eu vou ter um irmãozinho? – disse, ofegante. – Realmente vou ter um irmãozinho? Quando ele nascer, qual vai ser o nome dele? Onde ele vai dormir? Podemos matriculá-lo no basquete?

Mas ninguém estava me ouvindo, porque Chiara estava deitada no câmbio para abraçar a mamãe, Alice batia palminhas e papai estava se derretendo numa dança de pequenos movimentos dos ombros. Se tivéssemos enfiado uma tomada no carro naquele preciso momento, iluminaria o planeta todo.

– Então... é mesmo um menino? – gritei para que me ouvissem.

– Um menino – confirmou papai.

– Tem certeza?

– Tenho certeza.

Chiara estava muito feliz, sim. Alice, também, claro. Mas eu estava *decididamente* mais feliz que todos. Uma nova era estava prestes a começar, uma nova ordem mundial: papai e eu não seríamos mais minoria. Era uma coisa... *gigantesca*. Três meninos contra três meninas. A *justiça*. Não haveria mais votações desequilibradas para tomar conta do controle remoto, não haveria mais tempo perdido nas lojas, chega de vitórias fáceis sobre para que praia ir ou sobre o que comer.

E depois:

– O carro vai ficar muito pequeno – eu disse. – Temos que comprar outro.

Chiara arregalou os olhos e disse:

– Agora entendi por que estamos mudando de casa!

Nossos pais tinham acabado de começar a reforma de uma casa: tudo fazia sentido.

Eu disse:

– Eu quero azul, o carro.

Chiara:

– Eu quero vermelho.

– Azul!

– Vermelho!

– ...! – disse Alice, com os olhos, e aplaudiu sem entender, arrastada pela euforia.

O sol era uma gema prestes a derreter, o gato desceu do furgão e um bando de pássaros explodiu em revoada das árvores, desenhando no céu figuras enormes.

– E como vamos chamá-lo?

Fui o primeiro a levantar a questão, enquanto mamãe secava meus cabelos com o secador.

– Petrônio! – gritou o papai da sala, mastigando amendoins.

– Maurílio – respondi. Sabe-se lá por quê, esse nome sempre me fazia rir. Pensei que, se meu irmão não fosse muito simpático – o que é possível, já que o quociente de simpatia dos irmãos não pode ser encomendado –, bem, com esse nome, pelo menos, eu me divertiria só de chamá-lo.

– Nem pensar – disse Chiara. – Vamos chamá-lo de Pietro se for menino, Ângela se for menina.

– Chiara... – suspirei paciente.

– Sim?

– Já dissemos que é *um menino*.

Ela bufou, disfarçando.

Pensei estar certo: as meninas não se sentiam lá muito felizes com o empate e, talvez, ainda esperassem reverter o resultado.

– Então Pietro – repetiu Chiara.

Mas ninguém gostava de Pietro, nem de Marcello, Fabrizio e Alberto. Propus Remo como alternativa para Maurílio, mas não colou. Tentamos os nomes dos avós e os dos tios, mas nada. Parentes distantes, também não deu. Atores e cantores – *niet!* Assim, o tema ficou em suspenso. Eu fazia questão de escolher o nome certo para ele: seria o nome do meu irmão! Além disso, tinha que combinar com Mazzariol, que, no Vêneto, aliás, é o nome de um duende de chapéu pontudo e vestido de vermelho que faz desaforos aos que desrespeitam o meio ambiente; um daqueles personagens

cujas histórias eram contadas pelos idosos nos celeiros, nas noites de inverno.

Mas, na exuberância dos meus cinco anos, pensei que certamente não é apenas o nome o que marca você. Não, não, outras coisas fazem de você o que você é, o que você será. Brinquedos, por exemplo. Por isso, não conseguindo conter a emoção e querendo ser útil, no dia seguinte pedi ao papai que me levasse para comprar um presente: tinha resolvido dar a meu irmão um bicho de pelúcia, seu bichinho de boas-vindas. Meus pais não se opuseram, e mamãe, aliás, pareceu bastante feliz que eu “tirasse o time de campo”; desde que haviam contado a novidade, eu não tinha parado de falar nem por um instante. Assim, fomos para minha loja preferida, uma antiga loja de brinquedos que eu gostava, porque, entre todas as lojas antigas, era a única que tinha cheiro de nova.

“Preciso de um bicho de pelúcia *bem legal*”, pensei, alguma coisa que, quando meu irmão o visse, seria como se estivesse olhando para o espelho. Meus pais tinham me acostumado a verificar os preços, porque “dinheiro não dá em árvores”, mas aquela era uma ocasião especial e disse a mim mesmo que talvez pudesse, sim, gastar um pouco mais: até mais que dez euros. “Um montão de dinheiro”, pensei. Mas meu irmão merecia um bichinho de mais de dez euros. Aproximei-me das prateleiras. Concentrei-me nos animais. Havia coelhos, gatos, cachorrinhos. “Não”, pensei, “ele não vai ser um sujeito que brinca com coelhos... vai estar mais para leões, ou rinocerontes, ou tigres, ou...”

Daí eu o vi.